



PUC - Rio VESTIBULAR 2014

1º DIA
TARDE
GRUPOS
1, 3 e 4

Outubro / 2013

PROVAS OBJETIVAS DE BIOLOGIA E DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA E DE REDAÇÃO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

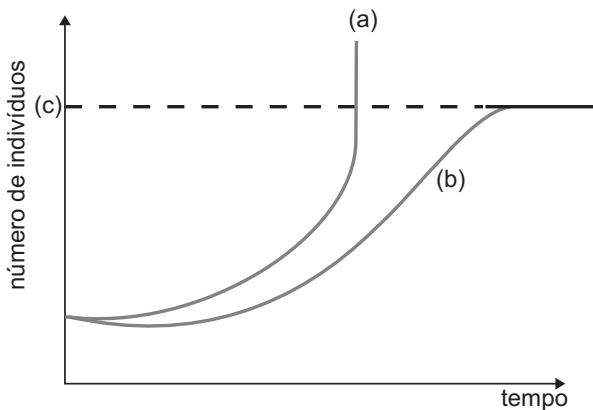
- 01 - Você recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **BIOLOGIA**, das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas nas provas de **BIOLOGIA** e de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição) grampeado a um Caderno de Respostas, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA** e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - Verifique se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso contrário, notifique **IMEDIATAMENTE** ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **lápiz preto nº 2 ou caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A leitura ótica do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras, portanto, preencha os campos de marcação completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - Tenha muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado em suas margens superior e/ou inferior - **DELIMITADOR DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. Você só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- se utilizar, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este Caderno de Questões e/ou o Caderno de Respostas e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**;
 - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.** O candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **30 (trinta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**.
- 10 - Quando terminar, entregue ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES e ASSINE a LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS E DE REDAÇÃO É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

NOTA: Em conformidade com a legislação em vigor, que determina a obrigatoriedade do uso das novas regras de ortografia apenas a partir de 31 de dezembro de 2015, o candidato poderá optar por utilizar uma das duas normas atualmente vigentes.

BOAS PROVAS!

BIOLOGIA

1



http://www.sobiologia.com.br/conteudo/bio_ecologia/ecologia16.php

A partir da observação do gráfico acima, que mostra diferentes tipos de crescimento populacional, é correto afirmar que as letras a, b e c representam, respectivamente:

- (A) uma curva de crescimento real, uma curva de crescimento exponencial e a resistência ambiental.
- (B) uma curva de crescimento real, uma curva de potencial biótico e a resistência ambiental.
- (C) uma curva de potencial biótico, uma curva de crescimento real e a resistência ambiental.
- (D) uma curva de potencial biótico, uma curva de crescimento exponencial e a resistência ambiental.
- (E) uma curva de potencial biótico, uma curva de crescimento real e a capacidade de suporte do ambiente.

2

A análise genética dos bisões europeus (*Bison bonasus*) revelou uma diversidade genética muito baixa em suas populações, que foi atribuída a uma drástica redução de tamanho populacional, chegando muito próxima à extinção da espécie, no início de século XX. A força evolutiva que melhor explica a redução da diversidade genética nesta espécie é:

- (A) seleção natural.
- (B) migração.
- (C) deriva genética.
- (D) mutação.
- (E) seleção sexual.

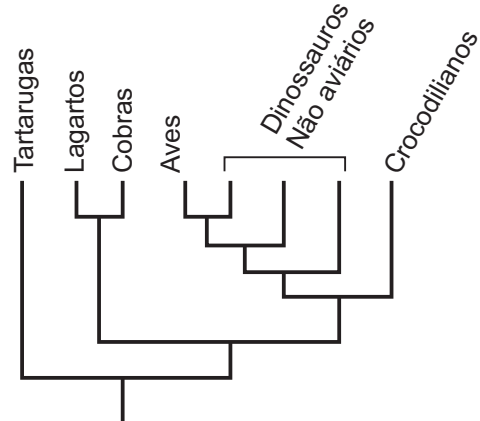
3

A Primeira e a Segunda Lei de Mendel estão relacionadas, respectivamente, com os seguintes eventos ocorridos na meiose:

- (A) condensação dos cromossomos na prófase I e *crossing over* na prófase I.
- (B) segregação dos cromossomos homólogos na anáfase I e distribuição independente dos cromossomos na metáfase I.
- (C) segregação dos cromossomos homólogos na anáfase I e separação das cromátides irmãs na anáfase II.
- (D) alinhamento dos cromossomos homólogos na metáfase I e *crossing over* na prófase I.
- (E) alinhamento dos cromossomos homólogos na metáfase I e alinhamento dos cromossomos na metáfase II.

4

Analise o cladograma abaixo e as afirmações apresentadas:



Disponível em: <<http://www.ib.usp.br>>. Acesso em: 12 set. 2013.

- I – Para a classe Reptilia ser considerada monofilética, é preciso incluir as Aves dentro do grupo.
- II – Aves e dinossauros possuem um ancestral comum.
- III – Tartarugas, lagartos e cobras formam um grupo monofilético.
- IV – Os crocodilos são filogeneticamente mais próximos das aves do que dos lagartos.

É correto **APENAS** o que se afirma em:

- (A) I e III.
- (B) II e III.
- (C) I e IV.
- (D) I, II e IV.
- (E) II, III e IV.

5

Protistas e bactérias são seres vivos que podem ser classificados em diferentes domínios, pois:

- (A) protistas se alimentam de bactérias.
- (B) bactérias não são constituídas de células.
- (C) protistas têm um núcleo envolto por membranas, do qual as células bacterianas carecem.
- (D) bactérias decompõem protistas.
- (E) protistas são fotossintéticos.

6

Sobre o processo de replicação do DNA, é **INCORRETO** afirmar que:

- (A) cada molécula de DNA nova é composta por uma filamento antigo e uma filamento recém-sintetizado.
- (B) não há a necessidade de um primer de RNA para a polimerização do filamento contínuo.
- (C) a polimerização se processa no sentido 5'→3'.
- (D) mais de um tipo de DNA polimerase participa do processo.
- (E) esse processo ocorre bidirecionalmente.

7

As florestas tropicais estão entre os ecossistemas terrestres com maior produtividade primária líquida, o que ocorre em função de maior:

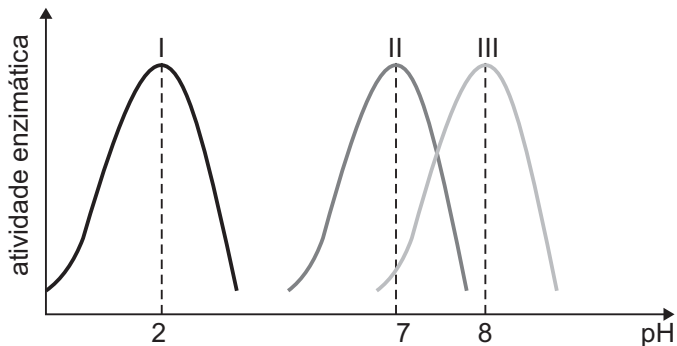
- I – intensidade de luz, de temperatura e de chuvas
- II – proximidade com o equador
- III – área de distribuição na Terra
- IV – riqueza do solo

É correto o que se afirma em

- (A) I e II, apenas.
- (B) II, III e IV, apenas.
- (C) I, II e IV, apenas.
- (D) I, II, III e IV.
- (E) I, apenas.

8

O gráfico abaixo mostra a atividade de algumas enzimas digestivas humanas em diferentes valores de pH.



Disponível em: <www.vestiprovas.com.br>. Acesso em: 12 set. 2013.

Com base nessa informação, assinale a afirmativa correta com relação às enzimas que estão atuando nas curvas I, II e III.

- (A) I corresponde à atividade da pepsina, que é a principal enzima do suco pancreático; II corresponde à atividade da ptialina, que inicia a digestão do amido e do glicogênio na boca; III corresponde à atividade da tripsina, que é a principal enzima do suco gástrico.
- (B) I corresponde à atividade da pepsina, que é a principal enzima do suco gástrico; II corresponde à atividade da ptialina, que inicia a digestão do amido e do glicogênio na boca; III corresponde à atividade da tripsina, que é produzida pelo pâncreas e age no intestino delgado.
- (C) I corresponde à atividade da ptialina, que é a principal enzima do suco gástrico; II corresponde à atividade da pepsina, que inicia a digestão do amido e do glicogênio na boca; III corresponde à atividade da tripsina, que é produzida pelo pâncreas e age no intestino delgado.
- (D) I corresponde à atividade da tripsina, que é a principal enzima do suco gástrico; II corresponde à atividade da pepsina, que inicia a digestão do amido e do glicogênio na boca; III corresponde à atividade da ptialina, que é produzida pelo pâncreas e age no intestino delgado.
- (E) I corresponde à atividade da pepsina, que é a principal enzima salivar; II corresponde à atividade da ptialina, que é a principal enzima do suco gástrico; III corresponde à atividade da tripsina, que é produzida pelo pâncreas e age no intestino delgado.

9

O processo de respiração celular ocorre em três etapas: Glicólise, Ciclo de Krebs e Cadeia Respiratória. Marque a alternativa correta com relação a essas etapas.

- (A) O ciclo de Krebs e a glicólise ocorrem na matriz mitocondrial.
- (B) No ciclo de Krebs, uma molécula de glicose é quebrada em duas moléculas de ácido pirúvico.
- (C) Nas cristas mitocondriais, há transferência dos hidrogênios transportados pelo NAD e pelo FAD através da cadeia respiratória, levando à formação de água.
- (D) A utilização de O_2 se dá nas cristas mitocondriais, durante o ciclo de Krebs.
- (E) A via glicolítica ocorre somente nos processos anaeróbios, enquanto o ciclo de Krebs ocorre nos processos aeróbios.

10

Na preparação do meio de cultura para células animais, o técnico de um determinado laboratório esqueceu-se de adicionar o suprimento de aminoácidos. Que moléculas terão sua formação imediatamente prejudicada?

- (A) Lipídeos
- (B) Glicídeos
- (C) Nucleotídeos
- (D) Proteínas
- (E) Ácidos nucléicos

RASCUNHO

LÍNGUA ESTRANGEIRA / INGLÊS

Driverless automobiles - The car that parks itself

CARS that need no driver are just around the corner according to researchers who have been testing vehicles bristling with aerials and cameras on public roads in America. However, researchers do not make cars, so it will be up to firms that do to bring the technology to market. And carmakers are a conservative bunch. Still, slowly and steadily the autonomous car will arrive, with the help of an increasing number of automated driving aids. A Swedish carmaker has recently demonstrated one such feature: a car that really does park itself.

Some cars already have systems that assist with parking, but these are not completely autonomous. They can identify an empty parallel-parking space and steer into it while the driver uses the brake. The Swedish system, however, lets the driver get out and use a smartphone application to instruct the vehicle to park. The car then trundles off, manoeuvres into a parking place and sends a message to the driver to inform him where it is. The driver can collect the car in person or use his phone to call it back to where he dropped it off. Autonomous parking could thus be provided at places like shopping centres and airports, which are controlled areas in which automated vehicles can be managed more easily than on open highways.

In the past, designs for doing this have relied on car parks being fitted with buried guide wires that a vehicle can follow to an empty bay. That, though, creates a chicken-and-egg problem: car-park operators will not invest in such infrastructure until there is a sufficient number of suitably equipped cars on the road. Drivers, conversely, will not want to buy self-parking cars if there is nowhere to use them.

This means, as a safety engineer working on the project observes, that for autonomous parking to work most of the technology will have to be in the car itself. The test car, which looks like a normal car, therefore uses on-board GPS mapping, cameras with image-recognition software, and radar sensors to find its own way around a car park and avoid pedestrians and non-autonomous vehicles. The same engineer says the system is five to ten years from commercial deployment. If it proves a success then infrastructure might adapt to it, for instance by packing cars into tighter spaces. If there is no one in them there is no need to make room for their doors to open.

Driverless cars would also need to communicate with one another, to enhance safety. That, too, is coming. A number of carmakers are developing wireless networking systems through which vehicles can exchange data, such as their speed, their steering angle and even their weight, to forewarn anti-collision systems and safety devices if an accident looks likely.

In the USA, for example, a carmaker recently tested a brake light that can provide an early warning to other motorists. If the brakes are applied hard in an emergency, a signal is broadcast. This illuminates a warning light in the dashboard of suitably equipped following vehicles, even if they are out of sight around a bend or not immediately behind the vehicle doing the braking.

The American company has been testing this system as part of a collaborative research project with several European carmakers. They have put a fleet of 150 experimental vehicles on the roads. When they tested a group of these, the Americans found the technology let drivers brake much earlier, helping avoid collisions. A driverless car would be able to react even faster.

Another member of the research group has been testing driverless cars on roads around Munich—including belting down some of Germany's high-speed autobahns. The ordinary-looking models use a variety of self-contained guidance systems. These include cameras mounted on the upper windscreen, which can identify road markings, signs and various obstacles likely to be encountered on roads.

The German cars also use a radar, to gauge how far the vehicle is from other cars and potential obstacles, and a lidar, which works like a radar but at optical frequencies. The lidar employs laser beams to scan the road ahead and builds up from the reflections a three-dimensional image of what this looks like. The image is processed by a computer in the vehicle, which also collects and compares data from a high-accuracy GPS unit. A series of ultrasonic sonars similar to those used in vehicles to provide parking assistance are placed around the car to add to the virtual picture. And just to make sure, a set of accelerometers provide an inertial navigation system that double-checks the vehicle's position on the road.

Although these cars can be switched to an autonomous driving mode, they are still required to have someone in the driving seat who can take over in the event of any difficulty. Some cars can steer themselves, slow down, brake and accelerate, even changing lanes to overtake slower vehicles.

From the print edition: Science and Technology
Jun 29th 2013

11

The text implies that driverless cars are

- (A) the automobiles parked just around the corner.
- (B) a near future reality waiting to be adopted.
- (C) the Swedish vehicles used in conservative resorts.
- (D) the kind of transport developed for human hands.
- (E) the ones covered with bunches of stiff bristles.

12

The main idea of the article is

- (A) to applaud the new driverless car technology.
- (B) to argue that researchers should make cars.
- (C) to analyze the characteristics of European cars.
- (D) to prove that autonomous cars are too slow.
- (E) to highlight that Swedish carmakers are against new inventions.

13

The author uses the phrasal verb "trundles off" (*l.* 18) that could be replaced by

- (A) rolls fast.
- (B) stops rolling.
- (C) rolls slowly.
- (D) does not roll.
- (E) does not start.

14

The phrase "a chicken-and-egg problem" (*l.* 30) expresses the idea of

- (A) precedence of investments in infrastructure or in the number of equipped cars.
- (B) investments on infrastructure only.
- (C) investments on a biodegradable fuel development.
- (D) one decisive matter for the project to succeed.
- (E) the failure that the project will definitely be.

15

The statement "A number of carmakers are developing wireless networking systems (...) if an accident looks likely" (*l.* 50-54) shows that the manufacturers' objective is

- (A) to simplify car parking.
- (B) to make cheaper cars.
- (C) to beautify cars.
- (D) to assure safety.
- (E) to allow drivers to sleep.

16

In "They have put a fleet of 150 experimental vehicles on the roads" (*l.* 65-66), "a fleet" could be replaced by

- (A) a task.
- (B) a project.
- (C) a test.
- (D) a group.
- (E) an assignment.

17

In the fragment, "The ordinary-looking models (...) likely to be encountered on roads" (*l.* 74-78), the demonstrative "These" refers to

- (A) cameras.
- (B) models.
- (C) signs.
- (D) obstacles.
- (E) systems.

18

According to a safety engineer working on the project, for autonomous parking to work, most of the technology involved has to be in the car itself. One device which is NOT present in the Swedish test car is

- (A) a radar.
- (B) a camera.
- (C) a lidar system.
- (D) a GPS mapping.
- (E) a smartphone application.

19

The word "Although" (*l.* 93) introduces

- (A) an additional idea.
- (B) an opposing idea.
- (C) a conclusion.
- (D) an example.
- (E) a chronological order.

20

In the German testing car, the most distinctive characteristic, in comparison to the American project, is

- (A) the fact that it has a camera that identifies road markings.
- (B) the fact that it can be driven in high-speed roads.
- (C) the fact that it contains guidance systems.
- (D) the fact that it can be driven with "no hands".
- (E) the fact that it is equipped with a brake light that warns other motorists.

RASCUNHO



LÍNGUA ESTRANGEIRA / FRANCÊS

Réconfort canin

Temps de chien. Malade comme un chien. Plus de chien au corps. Et, de surcroît, un mal de chien à sourire à la vie qui me garde un chien de sa chienne. Chienne de vie...

5 “Les chiens ont des comportements empathiques lorsque les humains montrent de la tristesse, selon une étude publiée dans la revue *“Animal Cognition”*, écrit le site *Psychomedia.qc.ca*.

10 Selon les travaux de Deborah Constance et Jennifer Mayer, du Département de Psychologie de l’Université de Londres, les dix-huit chiens exposés à des situations expérimentales distinctes, telles qu’avec des individus en pleurs, “répondaient à l’émotion de la personne, et non à leurs propres besoins, ce qui est
15 évocateur d’un comportement d’offre de réconfort”, proche d’un comportement empathique.

Chien au visage humain

Le réconfort canin viendrait-il aussi à opérer par écran interposé? Les statistiques sur *Google Insights for Search* (outil qui recense les recherches des internautes) confirment l’intérêt de l’homme pour le *Canis lupus familiaris*. Les tendances des recherches sous Google, de 2004 à ce jour, démontrent que la requête “dog” domine largement la requête “cat”.
25 Mais, de l’anglais au français, la tendance s’inverse, le “chat” des messageries instantanées prêtant main-forte aux félins pour mettre la pâtée au “chien”.

Qu’importe la prédominance linguistique et à nous les “dogs” empathiques. Difficile de résister à Tonik, ce croisé entre un shih tzu et un caniche, photographié par Renny Mills, après son accueil dans un refuge pour animaux abandonnés de l’Indiana aux Etats-Unis. Ces clichés ont fait sensation: “Les photos de Tonik sont troublantes d’humanité”, écrit
35 le site *Directmatin.fr* pour décrire ce “chien au visage humain”.

Les membres du refuge, interrogés par le *Daily Mail*, estiment que c’est “un très gentil mâle qui essaye de comprendre les choses et de rendre les gens heureux”. Sur le site officiel du photographe Renny Mills, la belle gueule de Tonik ouvre la galerie de vingt-deux portraits canins: les yeux sont vifs, les regards expressifs et profonds, les postures attendrissantes - ô craquante inclinaison des têtes!
40

Le charme opère et... il devient aisé de reprendre du poil de la bête au contact de ces pelages et babines de pixels. Bienfaits de la thérapie assistée par animal (TAA)... et par ordinateur.

D’après duret@lemonde.fr / Le Monde, le 24/6/2013

11

Il y a, au premier paragraphe, plusieurs expressions avec le mot *chien*. Marquez l’option dont le sens ne correspond pas à l’expression mentionnée.

(A) Temps de chien	Un temps détestable
(B) Malade comme un chien	Très bien soigné
(C) Plus de chien au corps	Plus de charme, d’attrait
(D) Qui me garde un chien de sa chienne	Lui garder rancune
(E) Chienne de vie	Une vie qui cause des chagrins

12

“Les chiens ont des comportements empathiques” (ligne 5) veut dire que les chiens ont des comportements

- (A) exagérés.
- (B) discrets.
- (C) naturels.
- (D) simples.
- (E) solidaires.

13

On dirait que ces études ont été publiées sur un SITE... (deuxième paragraphe)

- (A) en Angleterre.
- (B) en France.
- (C) au Brésil.
- (D) au Canada.
- (E) aux Etats-Unis.

14

Le mot *évocateur*, à la ligne 15, peut être remplacé correctement par l’option

- (A) excité.
- (B) irrité.
- (C) extravagant.
- (D) suggestif.
- (E) excellent.

15

Les chiens observés par le Département de Psychologie de l’Université de Londres ont été

- (A) sacrifiés par les chercheurs.
- (B) envoyés à des familles pour les soigner.
- (C) gardés pour une prochaine étude.
- (D) exposés à d’autres groupes d’individus.
- (E) mis en situations diverses.

16

Quand on fait des recherches sur *Google*, on apprend que, selon la langue, la préférence pour les animaux est différente dans les pays. Marquez la bonne option.

- (A) En anglais, il y a plus de requête chat.
- (B) En anglais, il n'y a pas de requête chien.
- (C) En français, il y a plus de requête chat.
- (D) En français, il n'y a pas de requête chien.
- (E) En portugais, la recherche n'est pas finie.

17

Le site *Directmatin* affirme que ce qui a vraiment intéressé les gens, c'est

- (A) le problème linguistique.
- (B) l'empathie des chiens.
- (C) le visage de Tonik.
- (D) le refuge d'animaux abandonnés.
- (E) améliorer l'accueil des animaux.

18

De la liste d'animaux, ci-dessous, marquez la seule option où le rapport masculin/féminin est incorrect.

- (A) chat / chatte
- (B) chien / chienne
- (C) cheval / étalon
- (D) bouc / chèvre
- (E) mouton / brebis

19

Dans le texte il y a deux titres: "*Réconfort canin*" et "*Chien au visage humain*".

Quelle option n'a aucun lien avec ces titres?

- (A) L'un des titres est lié au métis Tonik.
- (B) Les chiens ont une vocation de soulagement.
- (C) L'animal ressemble à son maître.
- (D) Chiens et chats préfèrent vivre dans la forêt.
- (E) Le chien est triste quand son maître est angoissé.

20

Ce texte peut être classé comme un

- (A) extrait d'informations.
- (B) résumé scientifique.
- (C) poème moderniste.
- (D) texte littéraire.
- (E) fait divers.

LÍNGUA ESTRANGEIRA / ESPANHOL

La orla de los exiliados

Compartieron aula, noches de estudio y foto de fin de carrera de arquitectura en la Politécnica de Madrid. Al licenciarse en 2012, la mayoría solo vio una salida: emigrar.

- 5 Los que se matricularon en 2003 en arquitectura en la Universidad Politécnica de Madrid se las prometían muy felices. Era la "carrera estrella", recuerda Beatriz Asensio, arquitecta leonesa de 27 años que llegó entonces a la Facultad. Los estudios profesionales
- 10 reclutaban mano de obra entre los alumnos de primer curso, las obras públicas se multiplicaban, el boom inmobiliario garantizaba trabajo estable... Por aquellos años Asensio encontraba ofertas de trabajo hasta por las paredes de los baños. Ahora rememora aquellos
- 15 dulces tiempos desde su piso en Luxemburgo, el país al que ha tenido que emigrar forzosamente ante el panorama que se encontró cuando salió de la burbuja de la universidad, hace un año.

- Desde que se frenó la construcción, 4.000
- 20 arquitectos han emigrado, según un informe realizado en 2011 por el SARQ, primer sindicato del sector. Asensio no lo tiene fácil para nombrar a alguno de sus compañeros de orla que haya encontrado empleo en España. La diáspora en la profesión es la responsable
- 25 de que tenga amigos en todo el globo; desde Suiza hasta China, pasando por Alemania y Noruega. "¿Quién me lo iba a decir a mí?", comenta con resignación a través de una conferencia internacional en el ordenador. "Si tuviera que empezar ahora una
- 30 carrera, me lo pensaría un poco más", reconoce.

- Los expatriados no se quejan de vivir fuera de su país, la mayoría había cursado una beca Erasmus o tenía planeado trabajar un tiempo en el extranjero. De lo que se lamentan es de que la recesión haya
- 35 determinado cómo y cuándo tenían que hacerlo, de no poder brillar en casa tras años de prácticas. "Las crisis no son una oportunidad, son una desgracia, y en el caso de España, que estaba en un momento dorado, aún más", aseguró recientemente un emigrante
- 40 ilustre, el director de la escuela de arquitectura de Harvard, Iñaki Ábalos, también formado en Madrid.

- De la Politécnica salió igualmente Fernando Frías rumbo a Alemania, ante la perspectiva de una economía en la que los jóvenes con estudios pueden
- 45 explotar sus habilidades. En septiembre del año pasado hizo las maletas y se compró un billete para Fráncfort. Hace dos meses, una vez interiorizadas las declinaciones del idioma germánico, encontró unas prácticas con opción a contrato por las que trabaja
- 50 ocho horas al día y cobra 500 euros. "Se habla mucho del sueño alemán, pero hay que saber que esto no es la panacea, aunque yo he tenido mucha suerte", explica. "Mi jefe es un tío enrollado, el otro día me

dijo que se notaba que había estudiado en Madrid, estamos muy bien valorados”, afirma Frías.

Mario Fernández, de 30 años, se marchó más lejos. Se desvió varios miles de kilómetros de su plan inicial, que era instalarse en algún país del norte de Europa, y acabó en Shanghái. Allí es consultor en un estudio. Mientras que su inglés ya es perfecto, su chino no ha “avanzado nada”, admite. “España nunca ha sido el mejor sitio para un arquitecto. En 2006, cuando yo estuve en Suecia de Erasmus, el sueldo medio era de 3.000 euros y en España no llegaba a 1.500”. Fernández se ha adaptado a la contaminación, al carácter reservado de los chinos y a que casi nadie le siga cuando propone tomar una cerveza después de una jornada laboral. Cobra 2.000 euros al mes y paga 600 de alquiler. No se puede quejar, pero advierte a los que quieran coger un avión que se piensen bien el destino: “Los chinos saben que en Europa hay problemas y que necesitamos salir para encontrar trabajo: ha dejado de ser un aliciente tener a un extranjero en tu equipo”.

Entre 2002 y 2004, cuando la generación de recién licenciados daba sus primeros pasos en la Facultad, el porcentaje de alumnos que compaginaba trabajo y estudios pasó del 20% al 40%, según un estudio de la Fundación Caja de Arquitectos: la máquina del ladrillo estaba en su apogeo. Fue en septiembre de hace cinco años cuando los entonces estudiantes empezaron a notar que escaseaban los encargos de los estudios en los que hacían prácticas. En el otoño de 2008 el grifo de la inversión se cerró y la burbuja estalló, pero los hoy licenciados no fueron verdaderamente conscientes hasta que abandonaron esa isla que es la universidad. “Recuerdo una clase en la que un profesor nos enseñó las cifras de construcción en España: me daba cuenta de lo que pasaba, pero, verdaderamente, hasta que no sales, no lo asumes”, relata Frías. “Sabías que la cosa no podía ir siempre así, que por algún lado tenía que estallar, lo hablábamos, pero cuando realmente pasó...”, recuerda Mario Fernández.

Pilar Moreno, de 27 años, cuenta por decenas aquellos que un día fueron compañeros de estudios en la Politécnica de Madrid, aquellos con los que compartió noches en vela antes de una entrega, y que hoy se han marchado de España. Ella es una afortunada y lo reconoce con una sonrisa. Justo cuando estaba a punto de irse, solicitó una carta de recomendación a uno de los estudios con los que había colaborado, se la negaron. “Queremos que te quedes con nosotros”, le respondieron. Así que por ahora ha decidido quedarse a la espera de un posible contrato.

Algunos capítulos de este relato de exilio no acabaron tan bien. Aitor Pérez, de 29 años, también licenciado en 2012, probó suerte en Brasil, pero, acabado su visado de turista, tuvo que volver a casa

de sus padres, a Canarias, porque no encontró un hueco en ningún estudio. “Mi tío es arquitecto en el País Vasco y cuando acabé la carrera me dijo: ‘Yo no te voy a poder dar trabajo’. Ahora me planteo irme a China o a México”, explica. Bárbara García, de 27 años, ha decidido reescribir su historia en Hong Kong, adonde se trasladó hace tres meses. Acabó la carrera en seis años, compaginaba estudios y trabajo desde el segundo curso, pero sentía que en España no podía evolucionar. Ahora en Hong Kong trata de abrir mercado para un estudio y algunos artistas. “Me da pena, creo que la arquitectura que se hace en España es buena, pero allí estaba desperdiciando mis mejores años”, apunta.

La salida al mundo laboral no fue como esperaban. Todos soñaban con montar su propio estudio, y muy pocos se creyeron aquello que les dijo una profesora el primer día de clase del curso de 2003: “Solo uno o dos de vosotros en toda esta clase tendrá la oportunidad de hacer una gran obra”. Los jóvenes arquitectos se han topado con la realidad y han decidido buscar otra donde quieran sus proyectos.

PATRICIA PEIRÓ Madrid 14 JUL 2013 - 00:00 CET. El País.

11

El principal objetivo del artículo es

- (A) advertir sobre los efectos de la crisis económica española de 2008 en la sociedad actual.
- (B) asesorar a jóvenes desempleados españoles sobre las oportunidades que ofrece el mercado internacional.
- (C) informar sobre la situación de exilio forzado en la que se encuentran los arquitectos españoles debido a la crisis económica.
- (D) entrevistar jóvenes arquitectos españoles cuyas carreras se han desarrollado con éxito en Asia.
- (E) sintetizar los puntos más importantes a tener en cuenta a la hora de buscar un trabajo como arquitecto fuera de España.

12

Al comienzo del texto Beatriz Asensio dice que Arquitectura era “la carrera estrella” (línea 7). Señala la única afirmación que **NO** justifique esa idea.

- (A) Creció la construcción de paredes de baños en las universidades.
- (B) Había de ofertas de empleo para estudiantes muy jóvenes.
- (C) Los alumnos tenían la oportunidad de trabajar con arquitectos profesionales.
- (D) Se incrementó la construcción de obras públicas.
- (E) La construcción de inmuebles estaba en un momento de auge.

13

Señale la alternativa en que la palabra entre paréntesis **NO** se corresponde semánticamente con la palabra subrayada.

- (A) “.....Ahora rememora aquellos dulces tiempos desde su piso en Luxemburgo” líneas 14,15, (departamento)
- (B) “.....Recuerdo una clase en la que un profesor nos enseñó las cifras de construcción” líneas 87 a 89, (educar)
- (C) “.....se compró un billete para Fráncfort” líneas 46,47, (un pasaje)
- (D) “...Mario Fernández, de 30 años, se marchó más lejos” líneas 56,57, (distante)
- (E) “...España nunca ha sido el mejor sitio para un arquitecto” líneas 61,62, (lugar)

14

En el fragmento ‘Las crisis no son una oportunidad, son una desgracia, y en el caso de España, que estaba en un momento dorado, aún más’ (líneas 36 a 39) podemos reemplazar el adverbio **aún** por:

- (A) mientras
- (B) también
- (C) aunque
- (D) todavía
- (E) pero

15

Lee las afirmaciones que siguen:

- I – En opinión de Mario Fernández los trabajadores chinos tienen una intensa vida social.
- II – A los españoles no les molesta vivir en el extranjero.
- III – Todos los entrevistados que se citan en el artículo viven fuera de España.

A partir de lo que se dice en el texto son verdaderas:

- (A) sólo I
- (B) sólo II
- (C) sólo III
- (D) I e II
- (E) I e III

16

Marque la única alternativa donde la correspondencia semántica **NO** está correcta:

(A) “...el <u>suelo</u> medio era de 3.000 euros...” (líneas 63,64)	Remuneración que recibe una persona por su trabajo.
(B) “...paga 600 de <u>alquiler</u> ” (línea 69)	Precio por el que se toma o da algo para hacer uso por un determinado tiempo.
(C) “...salió de la <u>burbuja</u> de la universidad.” (líneas 17,18)	Espacio aislado de su entorno.
(D) “...no encontró un <u>hueco</u> en ningún estudio.” (líneas 111,112)	Empleo o puesto vacante.
(E) ‘ha dejado de ser un <u>aliciente</u> tener a un extranjero en tu equipo...’ (líneas 73,74)	Impedimento, freno.

17

Marca el **único** enunciado cuya referencia está correcta.

- (A) En “La diáspora en la profesión es **la** responsable” (línea 24), “**la**” se refiere a “profesión”.
- (B) En “encontró unas prácticas con opción a contrato por **las** que trabaja ocho horas” (líneas 48 a 50), “**las**” se refiere a “horas”.
- (C) En “Pilar Moreno, de 27 años, cuenta por decenas aquellos que un día fueron compañeros de estudios en la Politécnica de Madrid, aquellos con **los** que compartió noches en vela” (líneas 95 a 98), “**los**” se refiere a “estudios”.
- (D) En “Fernández se ha adaptado a la contaminación, al carácter reservado de los chinos y a que casi nadie **le** siga” (líneas 65 a 67), “**le**” se refiere a “Fernández”.
- (E) En “Todos soñaban con montar su propio estudio, y muy pocos se creyeron aquello que **les** dijo una profesora” (líneas 126 a 128), “**les**” se refiere a “aquello”.

18

En el fragmento “No se puede quejar, pero advierte a los que quieran **coger** un avión que se piensen bien el destino” (líneas 69 a 71). El verbo “**coger**” puede ser reemplazado por

- (A) cosechar
- (B) compaginar
- (C) recopilar
- (D) apuntar
- (E) tomar

19

En el fragmento: ‘¿Quién me lo iba a decir a mí?’ (línea 27) la pregunta que se hace Beatriz Asensio significa que

- (A) ella se sorprendió mucho con lo que estaba sucediendo en su país.
- (B) ella fue la última en enterarse de lo que estaba sucediendo en España.
- (C) nadie se había animado a decirle la terrible verdad.
- (D) ella es una persona muy ingenua que no se había dado cuenta de nada.
- (E) no recuerda quién fue la persona que le comunicó lo que estaba sucediendo.

20

En la oración: “Aitor Pérez, de 29 años, también licenciado en 2012, probó suerte en Brasil, **pero**, acabado su visado de turista, tuvo que volver a casa de sus padres, a Canarias, porque no encontró un hueco en ningún estudio.” (líneas 108 a 112) La conjunción **pero** establece respecto a la oración anterior una relación de

- (A) consecuencia
- (B) adición
- (C) oposición
- (D) finalidad
- (E) condición

**PROVA DISCURSIVA
PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA****Texto 1****A felicidade**

Tristeza não tem fim
Felicidade sim...

A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
5 Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar.

A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
10 A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei, ou de pirata, ou jardineira
Pra tudo se acabar na quarta-feira

15 Tristeza não tem fim
Felicidade sim...

A felicidade é como a gota
De orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
20 Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor.

A minha felicidade está sonhando
Nos olhos da minha namorada
É como esta noite
25 Passando, passando
Em busca da madrugada
Falem baixo, por favor...
Pra que ela acorde alegre com o dia
Oferecendo beijos de amor.

30 Tristeza não tem fim
Felicidade sim...

MORAES, Vinicius de e JOBIM, Tom. **Vinicius de Moraes – Literatura Comentada**
São Paulo: Abril Educação, 1980. p.71 e 72.

Questão nº 1 (valor: 2,0 pontos)

a) Comemora-se neste ano o centenário de nascimento de um dos mais importantes personagens da cultura brasileira, Vinicius de Moraes. Poeta, compositor, jornalista, diplomata, Vinicius soube como poucos sensibilizar os seus leitores com uma literatura densa, envolvente e sensível. Apesar de pertencer historicamente ao modernismo, a poética de Vinicius está muito próxima à de outro estilo de época da nossa literatura. A partir da leitura da letra da canção *Felicidade*, parceria sua com o maestro Tom Jobim, aponte o estilo do qual ele se aproxima, fundamentando a sua resposta.

Questão nº 1 (Continuação)

b) Determine o gênero literário predominante no Texto 1, justificando com dois aspectos que o caracterizam.

Texto 2**A busca da felicidade**

Felicidade é um truque. Um truque da natureza concebido ao longo de milhões de anos com uma só finalidade: enganar você. A lógica é a seguinte: quando fazemos algo que aumenta nossas chances de sobreviver ou de procriar, nos sentimos muito bem. Tão bem que vamos querer repetir a experiência muitas e muitas vezes. E essa nossa perseguição incessante de coisas que nos deixem felizes acaba aumentando as chances de transmitirmos nossos genes.

5 “As leis que governam a felicidade não foram desenhadas para nosso bem-estar psicológico, mas para aumentar as chances de sobrevivência dos nossos genes a longo prazo”, escreveu o escritor e psicólogo americano Robert Wright, num artigo para a revista americana *Time*.

A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade — é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los. Ela nos convence de que cada uma dessas conquistas é a coisa mais importante do mundo e nos dá
10 disposição para lutar por elas. Mas tudo isso é ilusão. A cada vitória surge uma nova necessidade. Felicidade é uma cenoura pendurada numa vara de pescar amarrada no nosso corpo. Às vezes, com muito esforço, conseguimos dar uma mordidinha. Mas a cenoura continua lá adiante, apetitosa, nos empurrando para a frente. Felicidade é um truque.

Extraído de AXT, Barbara. A busca da felicidade. *Revista Superinteressante* – n.212, abril de 2005. <http://super.abril.com.br/cultura/busca-felicidade-464107.shtml>. Acesso em 26/07/2013.

Questão nº 2 (valor: 2,0 pontos)

a) No Texto 2 – *A busca da felicidade* –, Barbara Axt fez uso de alguns recursos metafóricos, tornando o assunto mais claro para seu público leitor. Explique, com suas próprias palavras, o que denota a metáfora da cenoura empregada no texto.

b) Sem que haja alteração de sentido, reescreva o trecho abaixo, transcrito do Texto 2, observando o início proposto a seguir e fazendo as modificações necessárias.

“E essa nossa perseguição incessante de coisas que nos deixem felizes acaba aumentando as chances de transmitirmos nossos genes.”

E perseguimos _____

Texto 3

Até o advento da filosofia socrática, acreditava-se que a felicidade dependia dos desígnios dos deuses. Essa concepção religiosa da felicidade imperou durante muitos séculos e em diferentes culturas. No IV século antes de Cristo, Sócrates inaugura um paradigma a partir do qual buscar ser feliz é uma tarefa de responsabilidade do indivíduo, debatendo sobre a felicidade e pregando que a filosofia seria o caminho que conduziria a essa condição. Aristóteles continua a investigação de Sócrates, concluindo que todos os outros objetivos perseguidos pela humanidade – como a beleza, a riqueza, a saúde e o poder – eram meios de se atingir a felicidade, sendo esta última a única virtude buscada como um bem por si mesma. A partir do Iluminismo, a concepção de mundo no Ocidente começa a girar em torno da crença de que todo ser humano tem o direito de atingir a felicidade. Na mesma linha, o ideário da Revolução Francesa estabelece que o objetivo da sociedade deve ser a obtenção da felicidade de seus cidadãos (Csikszentmihalyi; 5 McMahon). [...]

Extraído de FERRAZ, Renata B. et al.. Felicidade: uma revisão. *Revista de Psiquiatria Clínica* 34(5), 2007. p.235-236. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n5/a05v34n5.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

Questão nº 3 (valor: 2,0 pontos)

a) Aponte a diferença básica que se estabelece, no Texto 3, quanto à obtenção da felicidade entre os períodos pré-socrático e socrático.

b) Com relação ao trecho “pregando que a filosofia seria o caminho que conduziria a essa condição” (linha 4 – Texto 3), identifique o referente do termo “condição”.

c) Compare a concepção aristotélica de felicidade, apresentada no Texto 3, com a concepção apresentada no Texto 2.

Texto 4

— Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra! Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus – enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). E eu também estou com esperança enfim.

— E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

— Não senhora, disse Macabéa já desanimando.

— Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!

Macabéa começou (explosão) a tremelicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade. Só lhe ocorreu dizer:

— Mas casaco de pele não se precisa no calor do Rio...

— Pois vai ter só para se enfeitar. Faz tempo que não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela? E agora vou lhe dar um feitiço que você deve guardar dentro deste sutiã que quase não tem seio, coitada, bem em contacto com sua pele. Você não tem busto mas vai engordar e vai ganhar corpo. Enquanto você não engordar, ponha dentro do sutiã chumaços de algodão para fingir que tem. Olha, minha queridinha, esse feitiço também sou obrigada por Jesus a lhe cobrar porque todo o dinheiro que eu recebo das cartas eu dou para um asilo de crianças. Mas se não puder, não pague, só venha me pagar quando tudo acontecer.

— Não, eu lhe pago, a senhora acertou tudo, a senhora é...

Estava meio bêbada, não sabia o que pensava, parecia que lhe tinham dado um forte cascudo na cabeça de ralos cabelos, sentia-se tão desorientada como se lhe tivesse acontecido uma infelicidade.

Sobretudo estava conhecendo pela primeira vez o que os outros chamavam de paixão: estava apaixonada por Hans.

— E que é que eu faço para ter mais cabelo?, ousou perguntar porque já se sentia outra.

— Você está querendo demais. Mas está bem: lave a cabeça com sabão Aristolino, não use sabão amarelo em pedra. Esse conselho eu não cobro.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p.95-97.

Questão nº 4 (valor: 2,0 pontos)

a) Percebe-se no Texto 4 uma situação conflituosa entre as duas personagens, marcada principalmente pelo desencontro de ações e desejos. Explique esta afirmativa, retirando dois exemplos do texto que comprovem a sua resposta.

RASCUNHO

Questão nº 4 (Continuação)

b) O Texto 4 é narrado em terceira pessoa, marcado pela presença de um narrador onisciente, que conhece os sentimentos das personagens, em especial de Macabéa, e não participa diretamente da trama. Apesar disso, há um momento no Texto 4 em que ocorre uma alteração nesse comportamento do narrador. Transcreva a frase que comprova essa afirmativa.

RASCUNHO

Questão nº 5 (valor: 2,0 pontos)

a) Reescreva o período abaixo no futuro, substituindo a conjunção “quando” pela conjunção “se”.

Quando fazemos algo que aumenta nossas chances de sobreviver, nos sentimos muito bem.

RASCUNHO

b) Indique um conectivo que possa substituir o travessão no segundo parágrafo do texto *A busca da felicidade* (Texto 2).

RASCUNHO

c) Na linguagem oral informal, por vezes há um relaxamento da norma culta. Determine qual, dentre os trechos abaixo, transcritos do Texto 4, apresenta um desvio da norma culta e explique em que consiste o desvio.

i. “Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer.”

ii. “E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!”

RASCUNHO

REDAÇÃO

“A felicidade é uma questão individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si, tornar-se feliz.” (Sigmund Freud)

Produza um **texto dissertativo-argumentativo** – entre 20 e 25 linhas –, discorrendo sobre **a felicidade**. Seu texto deve conter, **obrigatoriamente**, um **resumo do texto abaixo** em forma de **DISCURSO INDIRETO** ou **PARÁFRASE**, com a **devida fonte mencionada na redação**. **Dê um título ao seu texto. NÃO ASSINE.**

Felicidade e alegria

Contardo Calligaris

Quando eu era adolescente, pensava que a felicidade só chegaria quando eu fosse adulto, ou seja, autônomo, respeitado e reconhecido pelos outros como dono exclusivo do meu nariz. Contrariando essa minha previsão, alguns adultos me diziam que eu precisava aproveitar bastante minha infância ou adolescência para ser feliz, pois, uma vez chegado à idade adulta, eu constataria que a vida era feita de obrigações, renúncias, decepções e duro labor.

Por sorte, meus pais nunca disseram nada disso; eles deixaram a tarefa de articular essas inanidades a amigos, parentes ou pedagogos desavisados. Graças a esse silêncio dos meus pais, pude decretar o seguinte: os adultos que afirmavam que a juventude era o único tempo feliz da vida deviam ser, fundamentalmente, hipócritas. Com isso, evitei uma depressão profunda, pois, uma vez que a adolescência, que eu estava vivendo, não era paraíso algum – nunca é –, qual esperança me sobraria se eu acreditasse que a vida adulta seria fundamentalmente uma decepção? Cheguei à conclusão de que, ao longo da vida, nossa ideia da felicidade muda: quando a gente é adolescente, a felicidade é algo que só será possível no futuro, na idade adulta; quando a gente é adulto, a felicidade é algo que já se foi – a lembrança idealizada (e falsa) da infância e da adolescência como épocas felizes. Em suma, a felicidade é uma quimera que seria sempre própria de outra época da vida – futura ou passada.

No filme de Arnaldo Jabor, “A Suprema Felicidade” (2010), o avô (Marco Nanini) confia ao neto que a felicidade não existe e acrescenta que, na vida, é possível, no máximo, ser alegre. Concordo com o avô do filme. E há mais: para aproveitar a vida, o que importa é a alegria, muito mais do que a felicidade. Então, o que é a alegria? Ser alegre não significa necessariamente ser brincalhão. Nada contra ter a piada pronta, mas a alegria é muito mais do que isso: ser alegre é gostar de viver mesmo quando as coisas não dão certo ou quando a vida nos castiga. É possível, aliás, ser alegre até na tristeza ou no luto [...] Essa alegria, de longe preferível à felicidade, é reconhecível, sobretudo, no exercício da memória, quando olhamos para trás e narramos nossa vida para quem quiser ouvir ou para nós mesmos. Para quem consegue ser alegre, a lembrança do passado sempre tem um encanto que justifica a vida. Para que nossa vida se justifique, não é preciso narrar o passado de forma que ele dê sentido à existência. Não é preciso que cada evento da vida prepare o seguinte. Tampouco é preciso que o desfecho final seja sublime – “descobri a penicilina, solucionei o problema do Oriente Médio, mereci o Paraíso”. Para justificar a vida, bastam as experiências – agradáveis ou não – que a vida nos proporciona, à condição de que a gente se autorize a vivê-las plenamente. Ora, nossa alegria encanta o mundo, justamente, porque ela enxerga e nos permite sentir o que há de extraordinário na vida de cada dia, como ela é. Para reencantar o mundo, não precisamos de intervenções sobrenaturais, de feitos sublimes. Para reencantar o mundo, é suficiente descobrir que o verdadeiro encanto da vida é a vida mesmo.

Texto adaptado de artigo publicado na **Folha de S. Paulo** (18/11/2010).13 (1): 11-16, jan./abr. 2000; p. 11.